



ALFABETIZAÇÃO FÔNICA: UM MERGULHO PARA LEITURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA I

Maria José Viana da Silva¹
Josefa de Fátima Rodrigues da Silva²
Maria do Socorro Crispim Araújo Furtado Wanderley³
Itacyara Viana Miranda⁴

INTRODUÇÃO

Nosso propósito com este trabalho é evidenciar aos leitores a prática de alfabetização fônica, via projeto “Apoio Pedagógico à Leitura”, desenvolvido por professoras readaptadas inseridas na E.M.E.F. Escritor Luiz Augusto Crispim, escola modelo da rede Municipal de ensino de João Pessoa -PB, inaugurada no ano de 2009, situada na zona urbana, na avenida Tancredo Neves, S/N, Bairro dos Ipês.

A referida prática surgiu de nossas inquietações no sentido de contribuir com o processo de alfabetização dos alunos, mas também do nosso desejo de demonstrar que o professor readaptado, diferente da crítica de ser um “faz nada no seu local de trabalho”, e ou, na maioria das vezes passar a ser invisível, considerado como incapacitado. Quando não, acumulador de funções como: substituto de professores faltoso, decoradores de ambiente, bibliotecário, porteiro, ele é sim, um profissional da educação que pode fazer diferente da imagem a ele atribuída.

Um outro ponto passível de relevância foi que a pandemia de Covid-19, agravou diretamente o processo de ensino aprendizagem, as crianças ficaram impossibilitadas de frequentarem as aulas presenciais e isso gerou impactos negativos, principalmente para alunos em processo de alfabetização. Dizemos isso, a medida em que a aplicação e análise

¹ Graduado do Curso de Artes da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, mariaita002@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, fatimasopdrigues@gmail.com;

³ Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, socorro.cfw@hotmail.com;

⁴ Professor orientador: Doutorado em Educação; Docente do Departamento de Fundamentação da Educação – CE, da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, itacyaravm@gmail.com.

dos resultados da avaliação diagnóstica da leitura realizada no início do ano de 2022, demonstraram como resultados fracasso e inexistência de desenvolvimento da leitura de alunos(as) da educação básica I, na escola municipal aqui em questão. A hipótese suscitada é a de que as dificuldades de leitura, não ocorram pelo fator “incapacidade” de aprender; mas sim por uma soma de problemas no processo formativo, dentre os quais se destacam as questões de cunho sociais a exemplo das desigualdades, a falta de acesso as TICs e falta de apoio familiar.

Diante do exposto, pensamos a criação de um projeto visando minimizar tais dificuldades de leituras das crianças. Partimos da observação do vídeo intitulado: Atividade de alfabetização ba, be, bi, bo, bu, bõ não funcionam mais ([https://youtu-be/OFiLy-ul68E](https://youtu.be/OFiLy-ul68E)) da autora Carla Silva (2020), por considerarmos uma referência no assunto. Compreendemos que aprender a ler não é um ato espontâneo natural e sim algo que necessita de um ensino intencional com um mediador que desperte a atenção consciente da criança, fazendo-o entender que o som das letras são os sons da fala, da linguagem oral, a letra com sua forma gráfica e seu nome apenas não é suficiente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Encontramos em nossas pesquisas a professora Sandra Puliezi, doutora em educação, autora de vários livros e do método das onomatopeias, defendendo a alfabetização rápida e eficaz por meio dos sons das letras. Para ela, “O ensino dos fonemas através das onomatopeias para algumas letras vem se mostrando eficaz desde a publicação do livro, Ensinando com as letras e sons. (PULIEZI, 2012). Entendemos que seria esse o caminho, o método fônico de alfabetização, apesar de não ser algo novo, pois surgiu em 1719, como reação à soletração e seu uso na França, por Vallange, e em 1803 na Alemanha, por Enrique Stephani, para nós pareceu um despertar, um caminho possível.

O método fônico, consiste em uma abordagem fônica como o próprio nome já diz, no qual se ensina as correlações entre os grafemas e os fonemas e estimula a habilidade de manipular e refletir sobre os sons da fala (consciência fonológica), sugerindo um ensino descomplicado e ordenado das habilidades de leitura e escrita. Para isso é necessário que a criança reconheça a relação entre os sons que ouve e a representação das letras. Quando falamos em consciência fonológica e consciência fonêmica, estamos tratando de uma manipulação consciente e intencional da fala, e para tanto podemos

trabalhar a consciência fonológica, por meio de várias atividades que permitam a reflexão sobre sílabas, rimas e fonemas, como nos fala Puliezi (2012).

Diante da ampla possibilidade de desenvolvimento do método fônico, propusemos o desenvolvimento de habilidades que pudessem contribuir com: consciência de palavras, silábica, intrassilábica e fonêmica. Estas habilidades foram trabalhadas através de atividades envolvendo rimas, aliteração, segmentação, substituição, comparação, adição e subtração de fonemas. Vale aqui salientar que existem diferenças entre a consciência fonológica e a consciência fonêmica. Sendo a primeira a capacidade de segmentar de modo consciente as palavras em suas menores unidades, em sílabas e fonemas, como por exemplo: rima, aliteração, número de sílabas, segmentar frases, quantas palavras tem na frase, sílaba inicial, sílaba medial e sílaba final. Já a segunda é a habilidade consciente de manipular os sons individuais que compõe a palavra, tendo autonomia de identificar quais as palavras que começam com o mesmo som.

Trabalhar essas habilidades é de fundamental importância para que a criança esteja preparada para o treino de fluência, no qual vai desenvolver as habilidades de ouvir com atenção a leitura, ler com frequência e compreender o que se ler. Ou seja, para ser leitor de texto com fluência. Iniciamos estudando e ao mesmo tempo praticando as habilidades do método fônico, com sua variedade de materiais e instrumentos pedagógicos os quais serviram como fonte de inspiração para criação de diversos jogos. Portanto o primeiro passo, foi entender que o objetivo é fazer a criança compreender que é importante identificar o som das letras e agrupa-los para formar palavras, ou seja, reconhecer a relação existente entre os sons que se ouve e a representação das letras.

Em seguida, iniciamos uma busca de atividades voltadas para o desenvolvimento dessas habilidades, conseguimos criar um banco organizado em duas pastas classificatórias, além de vários jogos concretos e fichas de leituras. A prática com às crianças, envolve brincadeiras, contação de histórias, músicas, parlendas, pequenos textos, jogos, banco de palavras e como dito acima, fichas de leitura. Começamos com o alfabeto das onomatopeias como instrumento principal, esse alfabeto de forma móvel e virtual, iniciando com as vogais e depois as consoantes, trabalhando o grafema e fonema, explicando que cada letra representa um som e que juntando, vogal e vogal, vogal e consoante ou consoante e vogal, iremos formar sílabas, essas sílabas irão formar palavras e as palavras irão formar frases.

Reconhecemos que criamos desta forma oportunidade para criança adquirir a consciência do som das palavras, frases, sílabas e fonemas, tendo a capacidade de reconhecê-las como unidade e que a referida consciência só ocorre através de exercícios que desenvolvam a relação letra/som. Como dito anteriormente, o trabalho deve ser criativo e atrativo às crianças. Os jogos virtuais através do recurso Wordwall, disponível na web e jogos físicos que tenham como princípio o alfabeto das onomatopeias, podem ser um bom caminho, pois é possível trabalhar com eles diversas vezes e mesmo assim não ser algo repetitivo.

Aprender brincando foi a dinâmica empregada no projeto, uma vez que defendemos o fato de que brincar ajuda a desenvolver as habilidades que estamos perseguindo, quais sejam: rima, aliteração e consciência fonológica, que faz com que as crianças pensem sobre as unidades sonoras, brincando com a linguagem oral. Diante dessa observação é notável que, a consciência fonológica é, pois, habilidade essencial. Ainda defendemos o fato de que alfabetizar com responsabilidade pedagógica é preciso, portanto um mesmo conteúdo pode ser trabalhado pelo professor de diversas formas, basta haver planejamento.

Foi o planejamento que nos permitiu trabalhar com a grafia do nome próprio das crianças, ponto de tensão e dificuldade entre a maioria delas. Nessa direção, buscamos formas diferenciadas e em cada encontro o trabalho com o nome próprio se modificava, 1. Colagem (recortar e colar a primeira e a última letra de seu nome), 2. som das letras (pronunciar o som de cada letra presente em seu primeiro nome), 3. Apresentar o nome completo (observar quantas palavras tem e qual é a maior palavra) 4. Observar em fichas (quantas letras tem o seu nome) 5. Falar o nome (descobrir com que rima), apresentar letras (perguntar: quem tem essa letra no nome) 6. Quem tem o nome maior (bater palma para cada nome), escrever o nome no caderno, identificar o seu nome (procurar no quadro e circular), formar o nome com o alfabeto móvel das onomatopeias, digitar seu nome no teclado do computador ou celular.

É relevante destacar que ao longo do desenvolvimento do projeto, observamos que algumas crianças demonstraram reais dificuldades, tais como: falta de concentração no momento das atividades de leitura e mesmo timidez, o que dificultava o aprendizado. O diálogo com o pensamento de Magda Soares (2016, p.116), “[...] crianças em fases muito distantes da maioria de seus colegas demandam atendimento individual”, nos desertou para o fato de que talvez fosse hora de estabelecer mudanças. Logo, pensamos



em modificar a estratégia e começamos a atender de forma individual e com intervalos curtos para tomar água, dividir o conteúdo em partes menores, usar mais atividade prática com desafio, toda essa renovação metodológica surtiu efeitos positivos, ficando perceptível o interesse e atenção das crianças. Diante do exposto, reconhecemos que o conhecimento é libertador e que tendo conhecimento disso, podemos transformar as propostas, de modo que possamos dar significado às atividades e envolver cada vez mais às crianças nesse processo formativo.

CONCLUSÕES

Por fim, deixamos saber que a experiência com o projeto “Apoio Pedagógico à Leitura”, tem sido objeto de construção de conhecimento na E.M.E.F. Escritor Luiz Augusto Crispim, resultado de uma ação conjunta do grupo de professoras readaptadas e que vem gerando cada dia a promoção de novos leitores. As crianças, sentimos, têm adquirido mais confiança e por consequência, estabelecido o desenvolvimento da consciência fonológica, na medida em que os alunos foram aprendendo a relação letra \som e som\letra (grafema\fonema). Portanto, de acordo com a experiência aqui apresentada, defendemos que a instrução fônica sistemática é uma forma clara e objetiva de ensinar, partindo do mais simples para o mais complexo, no qual, o aluno aprende a ler mais rápido, principalmente quando entende o que é letra, o que é sílaba e que as letras e sílabas se repetem e se juntam para formar palavras.

Palavras-chave: Alfabetização Fônica. Educação Básica. Leitura.

REFERÊNCIAS

PULIEZI, S. **Ensinando com letras e sons:** contribuições da psicologia cognitiva da leitura à educação. Salto: São Paulo: Schoba, 2012.

SOARES, M. **Alfabetização:** a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SILVA, Carla Cristina dos Santos da. **Neurociência para a alfabetização.** Maringá: SHS Editora, 2020.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.